

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BIBLIOGRAFIA. A. GARCIA Y BELLIDO - URBANÍSTICA DE LAS GRANDES CIUDADES DEL MUNDO ANTIGUO.

CARDOSO, Mário

Ano: 1967 | Número: 77

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Bibliografia. A. Garcia y Bellido - Urbanística de las grandes ciudades del Mundo Antigo. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 225-231.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Bibliografia

A. GARCIA Y BELLIDO, *Urbanística de las grandes ciudades del Mundo Antiguo*, Tomo V da série «Bibliotheca Archeologica», publicação do Instituto Español de Arqueologia, Madrid, 1966, XVI+212 págs., 103 figs., XXI estampas fora do texto e 2 cartas.

O Prof. Doutor António Garcia y Bellido, prestigioso mestre de Arqueologia Clássica da Universidade de Madrid, publicou no tomo V da «Bibliotheca Archaeologica» do Instituto Español de Arqueologia, de Madrid, de que ele é erudito director, uma descrição dos traçados urbanísticos das grandes cidades da Antiguidade, estudados dentro de um esquema cronológico, a começar pelas de mais remota fundação, desde meados do 3.º milénio a. C., como sejam algumas das estabelecidas nos vales do Indo e do Nilo, na Mesopotâmia e no círculo do Egeu. Muitas dessas cidades não tinham sido edificadas segundo um plano arquitectónico pre-estabelecido, que, só muitos séculos decorridos, aparece naquelas cuja fundação obedeceu a mais modernas concepções, como foram as que tiveram origem na colonização e expansão do mundo grego, as quais já então se apresentavam subordinadas a um traçado regular ortogonal, com arruamentos rectilíneos e blocos quadrangulares de habitações. Eram cidades de planta reticulada, a que também se dá a designação de *planta hipodâmica*, do nome do arquitecto Hipódamus, que nasceu cerca do fim do século v a. C., e viveu portanto precisamente na época áurea em que a Grécia, mediante os seus grandes artistas, filósofos e historiadores, lançava os fundamentos do período clássico.

De entre as mais antigas cidades do vale do Indo, começa o Prof. Garcia y Bellido por destacar, como sugestivos protótipos dessa região, as de *Harappa* e de *Mohenjo-Daro*, mostrando, na descrição desta última, que,

apesar da sua remota antiguidade — pois florescera na época eneolítica —, as modernas escavações ali praticadas revelaram já uma grande regularidade na construção, bem como indícios de uma cultura bastante avançada, com cerâmica fina fabricada ao torno de oleiro e pintada, facto excepcional numa época ainda de grande arcaísmo, tanto no Próximo Oriente como na Europa.

Das cidades nilotas aponta a actual *Kahun* (antiga *Illahun*), de planta regular, situada no Delta, perto do Lago Moeris e da célebre jazida arqueológica de *El Fayum*, fundada para alojamento dos operários que ergueram a pirâmide de Sesostris II, monarca que viveu no primeiro quartel do século XIX a. C.; e refere-se a outra, igualmente de planta esquadriada, cujo antigo nome era *Achut-Aton*, significando «Horizonte Solar», hoje designada por *Tell-el-Amarna*, edificada no tempo de Amenophis IV (séc. XIV a. C.). Alude ainda o autor às cidades, igualmente do Vale do Nilo, de *Deir-el-Medineh*, do séc. XVI a. C., e de *Medinet Gurob*, esta última erguida perto de *Kahun*, e fundada por Thutmosis III, que pertenceu à XVIII dinastia egípcia; ambas elas, porém, não apresentavam tanta regularidade de construção como as anteriormente citadas.

Da Mesopotâmia, descreve em primeiro lugar a monumental *Babilónia*, cidade de traçado ortogonal, e apoia as suas referências a esta famosa urbe da Antiguidade nos textos de Pausânias e de Heródoto, como também na bibliografia moderna e nas descobertas feitas através das escavações iniciadas no alvorecer do século XX, que revelaram a parte hoje melhor conhecida, pertencente já ao reinado de Nabucodonosor (605-562 a. C.), com seu grande templo de Marduk; a célebre Torre de Babel, *zigurat* que deveria medir cerca de 92 metros de altura; as suas enormes muralhas, com oito portas, entre as quais figurava a magnífica *Porta de Ishtar*, contendo um revestimento de tijolos, policromos vidrados, e ornamentados com imagens de dragões, touros e leões, que foi transferida para o Museu de Berlim e aí reconstruída; os seus famosos «jardins suspensos», terraços artificiais contendo vegetação, que eram considerados a Sétima maravilha do mundo; a sua larga ponte de cinco pilares sobre o Eufrates. Refere-se em seguida a *Assur*, capital da Assíria, na margem do

Tigre; a *Dur-Sharrukin*, cujo nome significa «Muros de Sargón», hoje designada *Khorsabad*, com seu palácio edificado por Sargón II (721-705 a. C.); a cidade de *Nimrud*, do séc. IX a. C., circundada de muralhas de perímetro circular, como as tiveram com igual dispositivo a cidade hitita de *Sendschirli* (2000-600 a. C.), a de *Arslan Tasch* (950 a. C.), de *Sichem*, e outras de fundação posterior.

Entre as cidades do Egeu, começa o douto Professor por se referir à cidade eneolítica de *Dimini* (2500 a. C.), situada a N. do Golfo de Thermos, na Tessália, que se erguia numa elevação, com suas habitações adaptadas às irregularidades do terreno e dispostas ao acaso, sem mostras de obediência a um plano prévio, defendida por circuitos muralhados, que fazem lembrar os castros galaico-portugueses, pela sua situação topográfica, dispersão das construções e sistema de organização defensiva. Cita também a cidade de *Malthi* (2000 a. C.), na Messénia, a S. do Peloponeso, situada igualmente numa colina. *Knossos* (1500 a. C.), referida por Homero, a cidade cretense do legendário labirinto, do palácio do Minotauro. *Micenas*, a pátria de Agamemnon, na Argólida, ostentando poderosa muralha e câmaras funerárias circulares, cobertas de falsa cúpula (*tholoi*) e com um corredor de acesso, do tipo do chamado túmulo de Atreus e das sepulturas de idêntica estrutura da nossa Cultura de Alcalar, no Algarve, e do Baixo Alentejo, do final da Idade do Bronze. *Tirinto*, com muralhas ciclópicas, cidade cujas escavações, como as de *Tróia* e *Micenas* immortalizaram o nome de Schliemann. *Gourniá*, cidade cretense com casas de pavimento térreo e paredes de pedra até determinada altura, e daí para cima de adobes, sistema de construção que alguns arqueólogos supõem ter sido também adoptada nas casas de alguns dos nossos castros. Eram por vezes casas de dois andares, aos quais se subiria por escadas de madeira. *Palaikastron*, igualmente em Creta, com estreitas ruelas e casaria humilde irregularmente dispersa em redor de uma construção mais ampla e rica, por certo vivenda do chefe, situada na acrópole e fortemente defendida. Finalmente alude a *Thermi*, cidade do mesmo tipo estrutural, situada na Ilha de Lesbos.

Contudo, já em várias das cidades pré-hipodâmicas se nota certa regularização no traçado, com casas dispostas em quarteirões quadrados ou rectangulares, ruas com passeios, etc., como por exemplo nas cidades nilotas de

Kahun e Amarna, na da Babilónia, e noutras, o que talvez de certo modo pudesse ter influído em posteriores realizações urbanísticas do mundo grego. Mas, o traçado regular e sistemático, de que, por exemplo, *Mileto*, na Ásia Menor, destruída pelos persas em 494 a. C. e reconstruída cerca de 475, é o protótipo mais perfeito, precisamente da época de Hipódamus — só no período da grande expansão colonial grega se verifica de um modo acentuado. Eram igualmente de planta nitidamente hipodâmica as cidades de *Selinoús*, na Sicília, de *Mainake*, colónia focese do século VII a. C., na Península Ibérica, perto da actual Málaga, destruída pelos cartagineses após a batalha de Alália, cerca de 540 a. C., *Atenas* e o *Pireu*, seu porto militar, *Thóúrioi*, na Península Itálica, mandada construir por Péricles em 443 a. C., *Rhodos*, na Ilha do mesmo nome, *Pérgamon*, na Ásia Menor.

A planta hipodâmica teve igual expansão nas cidades gregas do século IX, como *Olynthos*, na Calcídia, no N. da Grécia, *Cnido* e *Priene* na Ásia Menor, respectivamente a S. e a N. de *Mileto*, como também nas cidades da Sicília e da Magna Grécia, tais como *Poseidon (Paestum)*, *Neapolis* e *Pompeia*, na Itália, *Agrigentum*, na Sicília, *Kaulonia* e *Metapontion*.

Grande expansão alcançou igualmente a urbanística reticulada no Oriente grego — em *Alexandria*, no Egito, em *Antióquia*, na Síria, sobre o Orontes, uma das maiores metrópoles do mundo antigo, em *Laodiceia* e *Apameia*.

A mesma influência se fez sentir no traçado urbanístico das ricas cidades de *Palmira*, *Gerasa*, *Petra*, *Damasco*, *Doura-Europos*, esta última a mais oriental, estabelecidas nas grandes vias comerciais, que através do deserto sírio ligavam à Pérsia, ao Turquestão, à Arábia, à Índia, onde as caravanas exerciam o negócio da mirra, do incenso, das turquesas, do lapislazuli, do índigo, da goma, do nardo, da seda, das lãs, etc.

Alude ainda o insigne autor a outras cidades helenísticas de menor importância, como *Marisa*, na Palestina, *Niceia*, capital da Bitínia, e *Delos* na Ilha do famoso santuário de Apolo. Descreve depois as inovações, já da época romana introduzidas em várias cidades gregas, como em *Efeso*, na Ásia Menor, e nas cidades itálicas de *Pompeia*, *Cápua* e *Marzebotto*. Dá-nos seguidamente um

belo e sugestivo, quadro da vida cidadina e dos aspectos urbanísticos da Roma republicana e dos começos do Império, com suas grandesas e misérias, urbe sumptuosa reedificada após o grande incêndio do ano 64, que nunca conheceu verdadeiramente um traçado ortogonal perfeito, estando repleta de grandiosos edifícios, de templos majestosos, de termas, monumentos, estátuas, etc., mas a contrastarem com aglomerações de casario irregular, em bairros pobres e imundos, com becos estreitos e tortuosos, e congostas cujo acesso se fazia por escadas.

Em novo capítulo, passa o Prof. Garcia y Bellido a referir-se ao traçado das cidades romanas provinciais, nascidas da expansão imperial de Roma, espalhadas pela Europa Ocidental e pelo Norte de África — *Augusta Praetoria*, fundada por Augusto em 25 a. C., no N. de Itália, perto de Aosta, ocupada por 3000 veteranos do exército (*emeriti*); *Augusta Taurinorum*, erguida em 28 a. C., perto de Turim, e *Augusta Treverorum* (Tréveris), também edificadas no tempo de Augusto. No Norte africano, *Cartago* e *Timgad* (Tunis), esta fundada por Trajano no século I da Era, e estabelecida no local de um antigo acampamento militar, tal como, por exemplo, foi León, na Hispânia.

Segue-se uma descrição sumária, mas de especial interesse, das antigas cidades indígenas da Península Ibérica, que, em seu conjunto divide em dois agrupamentos distintos, baseado na tipologia das habitações, conforme se trata de casas de planta rectangular, como sejam as dos antigos povoados de *Cortes de Navarra* na margem do Ebro, *Calaceite*, *Azaila*, *Numância*, *La Bastida*, etc., ou de planta redonda, típicas da zona castreja asturo-galaica-portuguesa, como sejam as de *Santa Tecla*, *Coaña*, *Troña*, *Pendia*, *San Cibran das Las*, em Espanha, ou as de *Santa Luzia*, *Sabroso*, *Briteiros*, *Terroso*, *Bagunte*, *Sanfins*, etc., em Portugal. Este segundo agrupamento não parece contudo muito exacto, visto que nas ruínas de muitos destes castros aparecem, em promiscuidade, casas de planta redonda e de planta quadrangular, embora as primeiras sejam, geralmente, em maior número. Também a hipótese apresentada pelo autor de as casas castrejas terem sido primitivamente construídas apenas de adobes e só mais tarde de pedra é duvidosa, visto que a casa rústica é sempre feita com os materiais que se encon-

tram na própria região; e, na zona castreja do Noroeste da Península, são precisamente o granito ou o xisto os materiais que mais abundam. Certos fragmentos de barro que, por vezes, têm aparecido nas escavações castrejas, com sinais de terem estado incrustados em ramos de madeira entrelaçados (faxinagem), deveriam talvez pertencer ao reboco interior dos tectos das habitações, e não à estrutura das paredes, que eram de pedra.

Descreve depois as cidades hispano-púnicas de *Malaka*, *Gadir*, *Carthago Nova*; as greco-ibéricas de *Emporion*, *Hemeroscopeion* e *Mainake*; as hispano-romanas de *Emerita*, *Pax Iulia* e *Scalabis*, na antiga Lusitânia, e as de *Barcino*, *Lucus* e *Itálica*.

Alude ainda aos *fora*, que eram comunidades resultantes da concentração de núcleos familiares dispersos pelos campos, em aldeias e lugarejos, os quais, agrupados, deram mais tarde origem a centros urbanos, por vezes fundados nos lugares onde periodicamente aquelas populações isoladas se reuniam, para mercadejar os seus produtos, especialmente as que habitavam os pequenos castros do N. O. da Península, comunidades essas que nos tempos da romanização eram designadas pelos nomes das tribos que as constituíam — *Forum Limicorum*, *Forum Gigurrorum*, *Forum Bibalorum*, *Forum Narbasorum*, etc.

Cita finalmente os *fundi* ou *praedia*, propriedades rústicas pertencentes a famílias que para aí se deslocavam com seus escravos, preferindo ocupar essas casas de campo e abandonar as cidades em decadência, que a ameaça das invasões germânicas, desde o século III ao V, constantemente punham em sobressalto e perigo, sendo apressadamente organizada a sua defesa, limitando o sistema de muros e reduzindo ao mínimo a sua área, como aconteceu a *Conimbriga*. Esses *fundi*, contendo uma população em pleno crescimento, deram origem a muitas das cidades que, especialmente a partir da Alta Idade Média, aí se desenvolveram.

Com esta nossa breve sùmula do apreciável livro do Professor Garcia y Bellido não pretendemos fazer uma recensão crítica, mas apenas salientar, de um modo geral, o valor didáctico de uma obra profundamente instrutiva, escrita numa linguagem clara e singela, como todas as deste eminente cientista, que nos dá uma exce-

lente descrição, embora esquemática, do processo evolutivo do urbanismo nos mais famosos centros populacionais da Antiguidade. Todos os capítulos são seguidos da mais actualizada e principal bibliografia, facilitando assim ao leitor o recurso a um pormenorizado conhecimento dos assuntos ali tratados sumariamente. A obra é acompanhada da indispensável documentação gráfica, constituída por numerosas estampas fora do texto, plantas topográficas das cidades citadas, duas cartas geográficas com a localização dessas cidades, desenhos de aspectos urbanos, alguns dos quais da autoria de Garcia y Bellido, que é também um excelente desenhador. Um índice onomástico completa este belo trabalho.

Livros de estudo como este, tão proveitosos, deveriam ser aconselhados pelos nossos professores universitários aos seus alunos das Cadeiras de Arqueologia e de História da Arte, já que, infelizmente, em Portugal, nos faltam manuais didácticos como este, de meridiana clareza e de tão manifesta utilidade.

KLAUS BRISCH, *Die Fenstergitter und verwandte Ornamente der Hauptmoschee von Córdoba*, Madrid 1966, 56 págs. de 22×31 cm, 13 gravuras intercaladas no texto e 77 estampas fora dele.

Em luxuosa apresentação e impecável impressão da Casa Walter de Gruyter & Co, de Berlim, e editado pela Secção madrilena do Instituto Arqueológico Alemão, foi publicado no ano findo o Vol. 4 da série «*Madridrer Forschungen*» consagrado a um valioso trabalho do Arqueólogo Klaus Brisch, por ele dedicado ao erudito especialista da arte islâmica, Prof. Dr. Ernst Kühnel, acerca da ornamentação das gelosias e outros gradeamentos artísticos semelhantes, existentes na grande Mesquita de Córdoba.

Depois da de Meca, é, como sabemos, a Mesquita de Córdoba a maior e mais imponente do mundo árabe. Conquistada Córdoba pelos Mussulmanos em 711, só no ano de 780, no tempo de Abderramão I, a Mesquita primitiva começou a ser construída, no lugar onde anteriormente existia a igreja visigótica cristã consagrada a S. Vicente, ficando concluída no decénio a seguir. Ao longo de quase dois séculos, foi sucessivamente enri-